

Para contribuir com a compreensão dos efeitos e respostas em relação à pandemia de Covid-19 no agronegócio mundial, o Insper Agro Global passa a divulgar mensalmente o Boletim Especial Covid-19 com informações e análises relevantes do setor.

A partir do final de março, a rápida evolução da pandemia de Covid-19 e os riscos sobre as cadeias de produção associados às ações de isolamento social foram justificativas de governos para adoção de medidas que afetam o comércio internacional.

Com intenção de garantir a manutenção do suprimento, 22 países adotaram **restrições às exportações** até o início de junho, para um amplo conjunto de produtos agroalimentares. O valor total de comércio afetado por estas restrições correspondeu a US\$ 21 bilhões em 2018 [1]. O Quadro 1 descreve alguns produtos importantes à pauta de exportações brasileiras para os quais foram impostas restrições às exportações de março ao início de junho de 2020.

Quadro 1 – Restrições às exportações¹

Produto	Países que impuseram restrições	Principais destinos	Valor exportado (US\$ 2018)
Soja	Gana*, Romênia*, Armênia, Bielorrússia, Quirguistão, Cazaquistão e Rússia.	China, Ásia Central e Rússia, UE e MENA.	1 bilhão
Milho	Armênia, Rússia, Cazaquistão, Bielorrússia e Romênia*	MENA, Ásia e UE	1,2 bilhões
Arroz	Argélia*, Armênia, Bielorrússia, Quirguistão, Cazaquistão, Romênia*, Rússia, Vietnã* e Camboja*	China e ASEAN.	2,7 bilhões
Açúcar	Cazaquistão*, Quirguistão, Romênia* e Argélia*	MENA, Ásia Central e Rússia e EU.	150 milhões

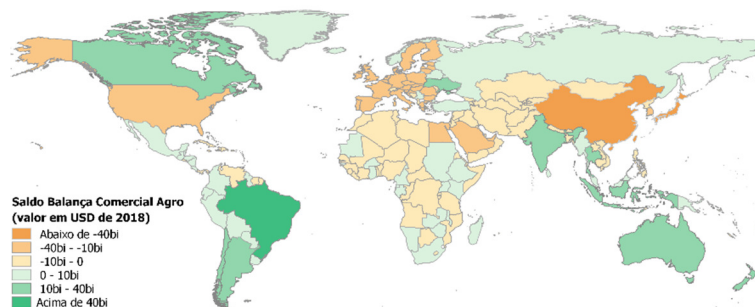
Fonte: Elaboração própria com base em IFPRI (2020)[1]. ¹Atualizado em 15/06/2020.

Nota: * restrições já expiraram.

Mais especificamente, no Quadro 1 verifica-se que o mercado de açúcar sujeito a restrição é pouco relevante. Já o comércio de arroz, milho e soja são mais afetados.

Até o momento, as restrições verificadas exerceram pouca influência no mercado internacional de commodities. No entanto, um movimento de crescente restrições ao comércio, em um sentido de crescimento de um “nacionalismo alimentar” global pode ser preocupante em termos de segurança alimentar, notadamente em países que são importadores líquidos de produtos do agronegócio, com destaque para regiões e países em desenvolvimento da África, Oriente Médio e Ásia.

Figura 1 – Balança comercial do Agronegócio no mundo (em valores USD de 2018)



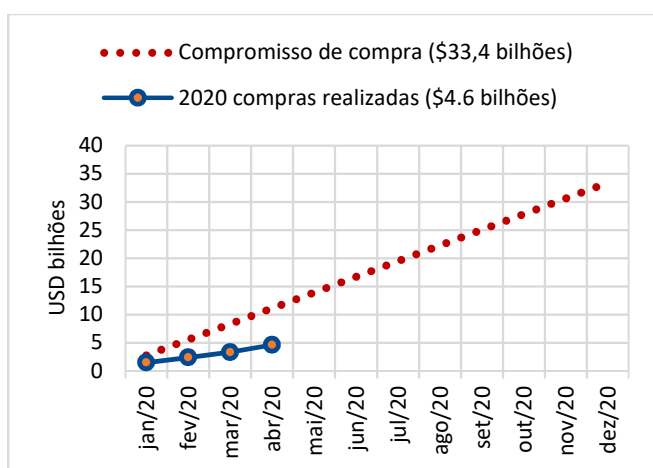
Fonte: elaboração própria com base em UNComtrade [2]

Outro tipo de medida que impacta o mercado internacional do agronegócio e que tem crescido em decorrência dos efeitos da pandemia são os **subsídios à produção**. Nos EUA, o Departamento de Agricultura (USDA) anunciou em maio um pacote de ajuda direta de US\$16 bilhões aos produtores rurais, prejudicados com a redução significativa da demanda e mudanças no padrão de consumo. Mesmo com tal anúncio, o setor pode vir a requerer ajuda adicional junto ao governo para manter a viabilidade financeira das operações agropecuárias, dado que informações de mercado indicam que os produtores norte-americanos já incorrem prejuízos da ordem de US\$20 bilhões neste ano. Considerando também importância de alguns estados agrícolas nas eleições presidenciais, que ocorrerão nos EUA em novembro deste ano, é provável que exista uma pressão política neste sentido.

Os dados mais recentes dos valores de apoio doméstico ao produtor nos EUA descritos na OMC (Organização Mundial do Comércio) são de 2016, quando o país dispendeu cerca de US\$15 bilhões no total de apoio doméstico. A média no período de 2008-16 foi de cerca de US\$14 bilhões. Portanto, apenas considerando o recente pacote de resgate anunciado, já se ultrapassa o alto patamar registrado em 2016.

A pandemia de Covid-19 também afetou o **acordo comercial dos EUA com a China**. Em sua primeira fase, anunciada em dezembro de 2019, previa-se uma conjuntura positiva no setor agrícola norte-americano, com a previsão de exportações em US\$ 33,4 bilhões em 2020. No entanto, este cenário mudou de maneira radical. As tensões entre EUA e China se elevaram durante a pandemia, agravadas também pelo contexto diplomático com relação a Hong Kong, fato que levou a China a pedir a suspensão de compra de soja e carne de origem norte-americana por estatais. A relação entre o que era previsto em exportações na fase 1 do acordo, para 2020, e o que se observa até o momento com relação a produtos do agronegócio embarcados dos EUA à China pode ser verificada na Figura 2.

Figura 2 – Importações da China dos EUA, acordo fase 1 anunciado e dados efetivados acumulados até abril/2020

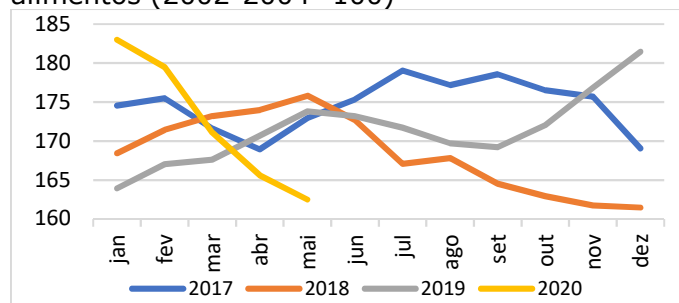


Fonte: Elaboração própria com base em dados da USDA [3].

Com relação aos **preços**, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) [4], o índice de preços internacionais de alimentos recuou em maio, pressionado pela demanda enfraquecida em função na contração na atividade econômica mundial – tendência observada desde o início 2020

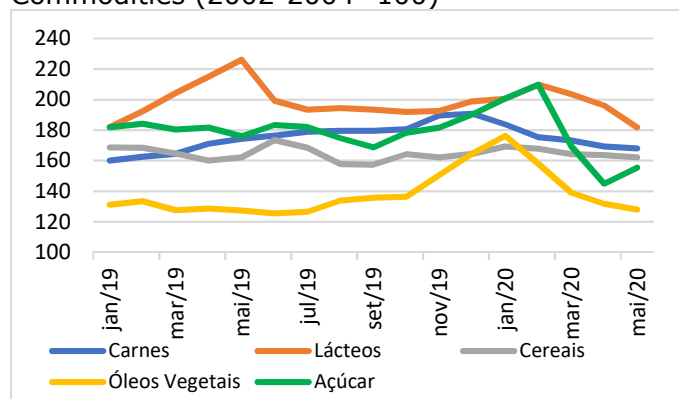
e agravada com a evolução da Covid-19 (Figuras 3 e 4). A exceção ocorre no mercado de açúcar, onde houve alta devido à queda na produção em países como Tailândia e Índia. Esse contexto impulsionou os embarques brasileiros do produto entre maio e o início de junho. Cabe destacar também que a China não renovou as medidas de salvaguarda para o açúcar, favorecendo a entrada do produto brasileiro no país.

Figura 3 – Índice FAO de preços global de alimentos (2002-2004=100)



Fonte: FAO (2020) [4]

Figura 4 – Índice FAO de preços global – Commodities (2002-2004=100)



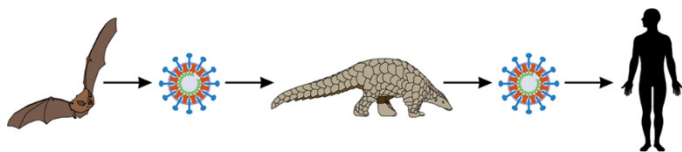
Fonte: FAO (2020) [4]

Outro efeito da pandemia no mercado internacional do agronegócio diz respeito ao aperfeiçoamento **das normas e padrões sanitários** ao longo de cadeias de consumo de animais, com o fim de mitigar os riscos associados às zoonoses.

Indícios sugerem que o vírus causador da Covid-19 saltou de um morcego para um hospedeiro intermediário silvestre e na sequência pulou para humanos, nas dependências de um *wet-market* na cidade de Wuhan na China [5]. O ambiente desses mercados, em geral, sem refrigeração, sem condições sanitárias adequadas e com grande aglomeração de pessoas é propício para tal tipo de ocorrência. Por outro lado, é notável que uma

parcela da população mundial depende, em algum grau, do consumo de animais silvestres [6].

Figura 5 – Origem provável da Covid-19



Fonte: Clerkin (2020) [7]

Dada a magnitude rapidamente alcançada pela Covid-19, emerge a necessidade de respostas no sentido de regular rigorosamente o comércio de animais silvestres para reduzir os riscos à saúde humana e a perda de biodiversidade.

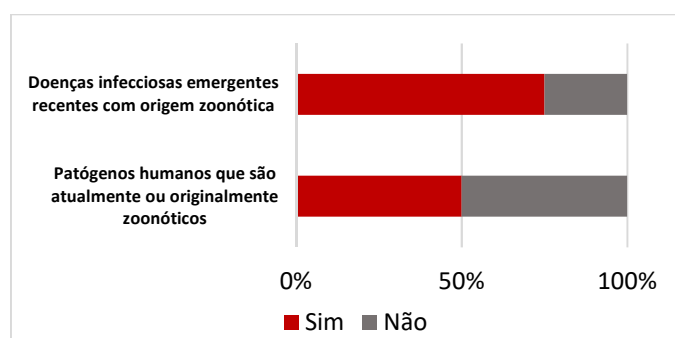
Inicialmente a própria OMS foi complacente com a manutenção dos mercados de animais vivos, mas agora está trabalhando em uma proposta para recomendar a suspensão da venda de mamíferos silvestres vivos em mercados de alimentos, mas não de animais de criação como aves e peixes [8].

A China restringiu temporariamente o comércio de animais silvestres, por meio da proibição ao consumo de carne e venda nos mercados. Em seguida iniciou uma repressão às instalações de criação para fins de consumo como alimento – cerca de vinte mil em todo o país -, porém, não houve interferência nas atividades ligadas à indústria medicinal. A cidade de Wuhan proibiu o consumo por um período de cinco anos. As autoridades chinesas trabalham para reestruturar a legislação concernente ao tema [9,10].

A OIE (Organização Mundial de Saúde Animal) reconhece que o comércio de animais silvestres é uma fonte importante de proteínas, renda e meios de subsistência para comunidades locais. Por isso está desenvolvendo diretrizes e padrões para a atividade, com base em princípios de governança e regulamentação, que reduzem os riscos à saúde e apoiam o bem-estar animal e a conservação da biodiversidade. Esses padrões deverão resultar em

práticas sustentáveis e responsáveis no comércio legal, transporte, captura, criação, comercialização e consumo de animais silvestres. A OIE também está dedicada à criação de um conjunto de ferramentas para os países membros garantirem as melhores práticas em avaliação de riscos e gerenciamento de doenças associadas à cadeia de valor do comércio de animais silvestres. [11] A aplicação de medidas deste tipo em nível local, regional e global é fundamental para a prevenção de futuras pandemias.

Figura 6 - Zoonoses



Fonte: Rohr et al. (2019) [12].

REFERÊNCIAS

- [1] IFPRI (2020). Food Export Restrictions during the Covid-19 Crisis. International Food Policy Research Institute Blog Post.
- [2] UNCOMTRADE (2020). International Trade Statistics Database.
- [3] WTO (2019). World Trade Organization. Tariff Analysis Online.
- [4] FAO (2020). Food Price Index.
- [5] ANDERSEN, K G. et al. (2020) The proximal origin of SARS-CoV-2. Nature medicine, v. 26, n. 4, p. 450-452.
- [6] COAD, L. et al. (2019). Towards a sustainable, participatory and inclusive wild meat sector. CIFOR.
- [7] CLERKIN, Kevin J. et al. COVID-19 and cardiovascular disease. Circulation, v. 141, n. 20, p. 1648-1655, 2020.
- [8] THE ECONOMIST. (2020) Curbing zoonotic diseases. Will wet markets be hung out to dry after the pandemic?. The Economist, Hong Kong, Kampala e Sulawesi, 26 mai. 2020.
- [9] STANDAERT, M. (2020) Coronavirus closures reveal vast scale of China's secretive wildlife farm industry. The Guardian, Shenzhen, 25 fev. 2020.
- [10] THOMSON, B. (2020). Wuhan BANS eating wild animals. Daily Mail, 20 mai 2020.
- [11] OIE (2020). Statement of the OIE Wildlife Working Group. Abr. 2020.
- [12] ROHR, Jason R. et al. Emerging human infectious diseases and the links to global food production. Nature Sustainability, v. 2, n. 6, p. 445-456, 2019.

Expediente

INSPER – Centro de Agronegócio Global

Coordenação Geral

Marcos Sawaya Jank, Dr.

Pesquisadores

Camila Dias de Sá, Dra.

Cinthia Cabral da Costa, Dra. (Embrapa Instrumentação)

João de Souza Trigo, Bel.

Leandro Gilio, Dr.

Marco Guimarães, Bel.

Niels Soendergaard, Dr.